

RESENHA

LIMA, Ari. *Uma crítica cultural sobre o pagode baiano: Música que se ouve, se dança e se observa*. Salvador: Editora Pinaúna, 2016. Serie editorial SONS DA BAHIA

Helen Campos Barbosa¹

O Livro "Uma crítica cultural sobre o pagode baiano: Música que se ouve, se dança e se observa" de autoria do pesquisador Ari Lima, apresenta parte de sua tese de doutorado. Originalmente escrito no campo da Antropologia, o texto do livro imprime uma perspectiva interdisciplinar a análise da música popular produzida especificamente no contexto do estado da Bahia, o pagode baiano. Música essa, como bem ressalta o autor, fruto de atualizações a partir das manifestações negro-africanas encontradas no Brasil, que associa assim dança e música, e que é atravessada pelas influências das indústrias culturais, cultura urbana e midiática. O pagode baiano é assim afirmado por Ari Lima, enquanto "uma música que resulta de ações humanas intencionais, observáveis, performadas, passíveis de inscrição textual e musicológica [...]" (LIMA, 2016, p. 19). Apesar de a interseccionalidade não ser um conceito abordado de modo direto na obra, a análise do pagode baiano se dá sob essa perspectiva, onde as performances de músicos, cantores e fãs são observados a partir do entrelaçamento entre categorias como classe, raça, gênero e sexualidade.

O livro está dividido em três capítulos, 1 – A música do pagode: quebradeira e códice negro-africano; 2 – Fragmentos de uma história do samba na Bahia; 3 – Corpos, palavras e música no pagode baiano, além da Apresentação, Introdução e Considerações finais. A obra além de compor um importante material de registro quanto ao pagode baiano produzido nos anos de 1999, 2001 e 2002, se caracteriza também enquanto um texto de importância política, uma vez que é uma produção de conhecimento sobre a música negro-africana realizada por um intelectual negro, como bem ressalta o Prof. Dr. José Jorge de Carvalho, na apresentação do livro.

Na introdução e primeiro capítulo é possível compreender as opções epistemológicas, metodológicas, bem como conhecer o recorte etnográfico

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas-UFBA. Email: helenjornalismo@gmail.com.

feito pelo pesquisador, que opta em fazer seu trabalho de observação e coleta de dados sobre o "pagode baiano", na cidade de Salvador em espaços da periferia da cidade e também em regiões mais centrais como os "ensaios de pagode do Clube do Sesi e do Point da Galera, na Cidade Baixa, do Clube dos Sargentos da Polícia Militar, na Avenida Centenário e no extinto Clube Cruz Vermelha" (LIMA, 2016, p. 31). O Pagode baiano é entendido por Ari Lima enquanto um samba manifestado na Bahia e é apresentado ao leitor enquanto uma "experiência sociocultural".

O conceito "experiência" é utilizado complexificando a compreensão da música que é entendida assim como trânsito de conexão cultural, simbólica, estética e política que se dá a partir do engajamento que certas sonoridades estabelecem. Essa sonoridade, para o autor é compartilhada especialmente a partir das "performances", outro conceito caro ao estudo. Negando a ideia de uma universalidade musical, a partir de autores como John Blacking (1992) o conceito "performance" agrega ainda à sua leitura analítica, a noção de presença da subjetividade implicando os *performers* tanto no palco como na plateia. A partir desse entrelaçamento "música", "experiência", "performance", emergem os papéis de gênero no estudo realizado no contexto do pagode. Apesar do autor ressaltar esse contexto como um espaço também passível da repressão e vigilância quanto à coincidência entre sexo biológico e as identidades de gênero, esse é um lugar de "[...] algum descompromisso com o sexo reprodutivo, com a moralidade sexual que recusa "papéis desviantes, como o "viado" ou "a menina fácil" [...] (LIMA, 2016, p. 32). Ainda no primeiro capítulo, o tensionamento *versus* aproximação, entre fãs do pagode e do *reggae* é outro ponto importante a ser ressaltado, uma vez que também ratifica as diferentes possibilidades de performar e experienciar a música. Fãs do pagode e do *reggae* performam o "pagodeiro fronteiriço". "Sem se restringir às prerrogativas da identidade de "regueiro", reconfigurava-se como o "brau, feio, diferente e perigoso", que identifiquei como o "pagodeiro moleque" (LIMA, 2016, p. 41).

Abdicando do debate do juízo de gosto quanto ao pagode, a discussão a partir de elementos comuns entre pagodeiros e reggueiros, desencadeia a compreensão dos elementos estruturantes desta música e de sua manifestação entrelaçando "uma determinada política de raça, do gênero e da sexualidade que também conformam o pagode" (LIMA, 2016, p.47). O processo de transformação do samba baiano tem seus elementos desenvolvidos de

modo mais aprofundado no segundo capítulo. Como bem anuncia seu título, o capítulo dois do livro reconta uma história do samba a partir da reconstituição de dados sobre o samba na Bahia. Um trabalho que o autor informa ser difícil, uma vez que essa é uma história com poucos registros e sem uma memória sistematizada. Os fragmentos históricos são buscados em diversos documentos, jornais baianos da segunda metade do século XIX (O Alabama, Os defunctos, O Mentor da Infância, Jornal da Bahia, Revista Americana, etc) no Arquivo Público do estado da Bahia, entrevistas com radialistas que vivenciaram a inserção do samba no meio radiofônico na Bahia, com músicos, além de ampla revisão bibliográfica sobre produções acadêmicas ou não sobre o tema.

Tal percurso revela inicialmente o racismo no que diz respeito a nomeação da musicalidade produzida por negros. Termos generalistas como batuque, é uma das primeiras formas encontrada, "[...] um termo que engloba o que se conhecia, o que não se entendia, o que se considerava ofensivo à civilização, imoral, selvagem, pecaminoso, lascivo, obsceno, perturbador dos bons costumes[...]"(LIMA, 2016, p. 52). A partir de pesquisas como a dissertação de mestrado, O samba de roda do Sombagota – Tradição e modernidade de Katharina Doring (2002), é possível perceber que outros termos surgiram, como samba de roda, também usado de modo genérico, confundindo inclusive o samba chula ou de viola com o samba de roda. O termo "pagode" que aparece por volta de 1970 também designa distintas acepções. A inserção do samba no rádio é peça chave no texto para compreender inclusive como a mediação branca ocorre no processo de visibilização da música negro-africana no Brasil. Um percurso sócio histórico reconstituído pelo autor que cita exemplos como o do sambista Riachão, como também de outros artistas negros e do contexto do pagode baiano, que continuam sendo atingidos pela perversa negação do negro num lugar de autoria no campo das artes e da produção cultural. Segundo o autor, tais práticas vão desde "[...] o reconhecimento posterior da autoria ou o reconhecimento sem retorno financeiro, a oferta de canções a ídolos ilustres, como também fez Riachão, a concessão antecipada dos direitos autorais de um samba em troca de uma soma fixa antecipada, como fizeram sambistas cariocas e ainda fazem compositores baianos de pagodes" (LIMA, 2016, p. 66).

O entrelaçamento entre música, dança, discursos e corporalidades permeiam o terceiro e último capítulo do livro. A pesquisa ressalta o não

ineditismo da tematização do negro e de uma cultura negro-africana na música popular brasileira. Pontua a música assim, por um lado, como um lugar de construções de representações do negro e da própria cultura baiana, imagens essas, muitas vezes contruídas por não baianos e não negros. Por outro lado, a música também como "[...] campo discursivo privilegiado onde o negro se vê e se situa historicamente na sociedade brasileira" (LIMA, 2016, p. 71). Ressaltando nesse sentido, especialmente o samba e o pagode baiano, Ari Lima afirma que esse é um universo de "[...] afetações e maneirismos, descontínuo e assimilacionista, por excelência erotizado e corpóreo" [...] (LIMA, 2016, p. 86). Um mundo que, em dados momentos, defende veementemente uma masculinidade viril, mas também permite, a um rapaz pagodeiro, "ter um pouco de viadagem". O capítulo "passeia", então, por entre as narrativas de pagodeiros, produtores e músicos das bandas que se apresentavam nos locais pesquisados. Por entre seus discursos, mas também suas formas de vestir, numa caracterização que nos revela a experiência daquele que é pesquisado, mas também a experiência de quem observa e pesquisa num nítido diálogo com a orientação metodológica de Joan Scott (1992), citada pelo autor logo na abertura do primeiro capítulo da obra.

O texto apresenta suas considerações finais ratificando a importância da música na reatualização das "[...] representações que estruturam dialeticamente experiências e expressões do homem negro" (LIMA, 2016, p. 116). O pagode baiano, para além da música em si, evidencia também a economia informal presente nos espaços de show, fato que o autor relaciona aos vestígios do regime escravocrata, que obriga aos corpos negros recorrerem as alternativas de sobrevivência. Precária economia informal que resvala, ainda, na falta de estrutura dos locais onde ocorriam os ensaios de pagode, na precariedade dos serviços ofertados ao público e às ruins condições de trabalho encontrada pelos artistas nesses lugares. Um lugar de partilha de uma ludicidade permeada por símbolos de negritude, fortemente influenciados por uma indústria cultural, mas ao mesmo tempo, lugar de compreender e reproduzir "imagens e representações de si racializadas, do discurso sobre a violência racial" (LIMA, 2016, p. 119).

Recebido em: 31/10/2018

Aprovado em: 04/12/2018